



## Lipor apaga passado de Carlos Fonte

# “Durante 12 anos as fizeram parte do meu

Textos:  
André Cordeiro  
Luís Cunha e Lima



Carlos Fonte falando ao Ágora

Carlos Fonte é funcionário da Lipor. Tem 47 anos e quatro filhos. Foi o seu passado ligado às drogas que o conduziu ao programa Integra. O Ágora deslocou-se às instalações da Lipor para ouvir o seu testemunho e conhecer a sua história.

**Ágora – Com que idade teve o primeiro contacto com drogas?**

Carlos Fonte – Com 16 anos, mas foi, sobretudo, a partir da década de 90 que comecei a consumir drogas pesadas, como cocaína e heroína, com maior frequência. Durante doze anos, as drogas fizeram parte do meu quotidiano.

**À – O que o levou a esse consumo?**

CF – A droga era, para mim, um estimulante que

*“Traficava droga para poder alimentar o vício.”*

*“Estou livre das drogas desde Março de 2005”*

ajudava a suportar o excesso de trabalho e que me fazia acreditar que era capaz de fazer tudo. Era tudo uma ilusão e o tempo provou que eu estava enganado. Na altura, comecei a meter baixas prolongadas, até porque tinha dificuldades em enfrentar os meus colegas de trabalho, que sabiam da minha condição. Foi, em parte, isso que levou a que perdesse o emprego. A partir daí, já era difícil voltar atrás e mudar as más escolhas que fiz.

**À – Quanto dinheiro gastava em droga?**

CF – Muito, talvez na ordem das centenas de contos por mês. A certa altura, comecei também a traficar droga para poder continuar a alimentar o vício.

**À – Como lidam os seus fi-**

**hos com o seu passado turbulento?**

CF – Nunca conversámos sobre isso, mas sei que eles sofreram bastante, porque percebiam o estado degradante em que me encontrava. Mesmo para a minha ex-mulher a situação era muito complicada e, em parte, foi isso que conduziu ao nosso divórcio.

**À – Os seus filhos dependem de si, financeiramente?**

CF – Não, porque estão a viver com a minha ex-mulher, que, mesmo a nível monetário, não exige nada de mim. No entanto, o meu objectivo passa pela futura inserção num emprego estável para poder contribuir a esse nível. Já tentei, no passado, arranjar emprego e deu pa-



Lipor emprega elementos de grupos de risco  
Programa Integra

O programa Integra é um projecto da Lipor (Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto) que promove a reinserção no mercado de trabalho de pessoas em situações de risco – como ex-toxicodependentes e arrumadores de carros. Existe desde 2003 e já deu emprego a cerca de 20 pessoas. Actualmente, trabalham quatro ho-

mens na Lipor, no âmbito do Integra. “O objectivo não passa pela celebração de contratos de longa duração, mas sim pela reinserção de indivíduos, de algum modo, excluídos no mercado de trabalho, para que percebam o funcionamento duma empresa e se habituem a cumprir horários”, disse Aldora Pinheiro, actual responsável pelo projecto.

*“Este emprego é uma forma de adquirir responsabilidades”*



# drogas quotidiano”

ra perceber que não será tarefa simples, até pela idade que tenho, mas é isso que pretendo.

## À – A reinserção no mercado de trabalho de que fala passa então pela Lipor?

CF – Sim, é apenas uma forma de recomeçar, porque aquilo que quero é voltar a trabalhar na área comercial, actividade que sempre me aliciou e para a qual julgo ter competências.

## À – Como teve conhecimento do programa Integra?

CF – Através do Projecto Porto Feliz, onde estou integrado desde Março de 2005. Há cerca de um mês atrás, surgiu a oportunidade de vir para a Lipor, onde trabalho no aproveitamento de ma-

deiras provenientes das podas, que transformamos em estilha, mais tarde usada em canteiros e jardins. Quanto mais não seja, este emprego é uma forma de adquirir responsabilidades e habituar-me a cumprir horários.

## À – Quando pensa deixar a Lipor?

CF – Vou cumprir o contrato de um ano que assinéi. Acaba em Dezembro de 2007 e garante um pagamento mensal equivalente ao ordenado mínimo nacional, que, para ser franco, não é muito, mas é uma ajuda.

## À – Há quanto tempo não consome drogas?

CF – Estou livre das drogas desde o dia 27 de Março de 2005, data em que recorri ao Projecto Porto Feliz



Camións à entrada da Lipor II

## Central Energética exporta 90% da sua produção para a Rede Nacional

A Central de Valorização Energética da Lipor, sita em Moreira da Maia, exporta 90% da energia eléctrica que produz para a Rede Eléctrica Nacional. Os restantes 10% estão destinados à manutenção da própria Central, que trabalha 24h por dia e é totalmente auto-suficiente, a

nível energético. A infraestrutura, inaugurada em 2004, trata cerca de 1000 toneladas de resíduos por dia e tem capacidade para produzir, anualmente, energia suficiente para iluminar 115 habitações durante um ano. Quatro pessoas chegam para manter a Central em funcionamento.

# Vizinhos da Lipor não separam o lixo

A maioria dos moradores de Moreira da Maia ainda não faz separação do lixo. Os habitantes da vila que acolhe o complexo Lipor II, onde se situam a Central de Valorização Energética e o Aterro Sanitário da Maia – que recebe a totalidade dos resíduos sólidos urbanos produzidos em oito concelhos da Área Metropolitana do Porto – apontam a pouca divulgação e a longínqua localização dos ecopontos como justificações para a não separação do lixo. “Aqui não se ouve nada sobre separação de lixo. Se a divulgação fosse maior e houvesse um ecoponto mais perto de minha casa – o mais próximo fica a 150 metros – era capaz de começar a separar. Acho que as questões ambientais são importantes. Temos de olhar pelo planeta que será, afinal, o das gerações que nos seguirão”, disse Luís Costa, residente em Moreira da Maia. “Se houvesse um ecoponto faria a separação de bom grado, mas o que há aqui na vila está muito longe”, foram as alegações de Justino Pereira, também ele morador a escassos metros da Lipor.

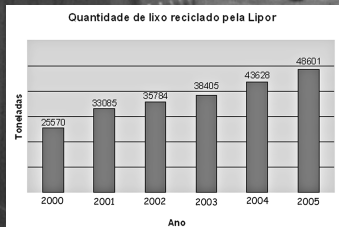
Todos os anos, a quantidade de lixo sujei-

to a reciclagem aumenta – são as conclusões do relatório e contas publicado pela Lipor, em 2006. A percentagem de lixo reciclado prevista para o ano passado, nos oito concelhos associados da Lipor (Maia, Espinho, Gondomar, Matosinhos, Porto, Póvoa de Varzim, Valongo e Vila do Conde), é de 12,5%, mais 2,5% do que em 2005. Isto significa que, apesar de se notar uma maior sensibilização, a grande maioria dos habitantes do Grande Porto ainda não adquiriu hábitos de reciclagem.

As excepções parecem ser os poucos moradores que têm um ecoponto à porta de casa, como Pedro Couto (na foto), e os estabelecimentos do sector da restauração, que, ao abrigo de um projecto de recolha semanal de resíduos sólidos urbanos em cafés, restaurantes e cantinas da Maia e de Matosinhos, vêm facilitada a tarefa de separação do lixo. “Aqui dividimos o lixo por sacos coloridos próprios para o efeito e, uma vez por semana, vêm cá veículos de recolha e levam tudo para reciclagem”, afirmou Susana Oliveira, empregada do Café Palhota, em Moreira da Maia.



Pedro Couto, a excepção



## Maiatos mais solidários

### Operação Tampinhas

A Câmara Municipal da Maia foi a entidade que doou mais tampas de plástico à Lipor, entre Abril e Outubro de 2006, no âmbito da “Operação Tampinhas”. Arrecadou cerca de 6500 kg de tampas, quase o dobro da Câmara de Matosinhos, que foi a segunda mais participativa, pode ler-se no sítio da empresa na Internet.

Nesses seis meses, a Lipor conseguiu um total de 15 toneladas de tampinhas, que, depois de recicladas e transformadas em objectos, como tubos e vasos, renderam cerca de 9 mil euros. O dinheiro foi usado na compra de equipamentos médicos, ortopédicos e outros, distribuídos por várias instituições sociais e juntas de freguesia da Área Metropolitana do Porto.

### À espera do líder

O Ágora tentou ouvir Macedo Vieira, presidente do Conselho de Administração da Lipor e da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, para questioná-lo sobre várias matérias relacionadas com a Lipor – como o artigo publicado no *Diário de Notícias*, a 26 de Outubro de 2006, que revela a alegada relação indirecta da empresa com o processo do “saco azul”. Macedo Vieira alegou não poder responder, por falta de tempo.